



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ- UFPA
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA-PA
FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE- FACETNO
CURSO DE LICENCIATURA E BACHARELADO
EM ETNODESENVOLVIMENTO
TURMA FLEXIBILIZADA NO *CAMPUS* MARAJÓ- SOURE

JESSICA RIBEIRO GARCIA

**DANÇA COMO FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE CULTURAL NA
COMUNIDADE QUILOMBOLA DE VILA UNIÃO/CAMPINAS**

Soure-PA
Outubro de 2022

JESSICA RIBEIRO GARCIA

**DANÇA COMO FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE CULTURAL NA
COMUNIDADE QUILOMBOLA DE VILA UNIÃO/CAMPINAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura e Bacharelado em Etnodesenvolvimento da Faculdade de Etnodiversidade do *Campus* Universitário de Altamira da Universidade Federal do Pará-UFPA, como requisito avaliativo para a obtenção do grau de Licenciatura e Bacharelado em Etnodesenvolvimento.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Francilene de Aguiar Parente.

Soure-PA
Outubro de 2022

BANCA EXAMINADORA:

Prof^ª. Dr^a. Francilene de Aguiar Parente (Orientadora)

Prof. Me. Reinaldo de Souza Marchesi (examinador)

Prof^º. Eliane da Silva Sousa Faria (Examinadora)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pela vida e por me permitir concluir esse curso na universidade federal do Pará (UFPA).

Ao curso de Etnodesenvolvimento por proporcionar-me obter e ampliar os conhecimentos que foram trabalhados durante esses quatro (4) anos.

Aos meus queridos e minhas queridas docentes, por partilharem seus conhecimentos e contribuir nesse processo de formação de cada um de nós discentes. Profissionais inspiradores com os quais tive o prazer de aprender nesta trajetória perturbadora do curso de Etnodesenvolvimento.

Em especial à minha orientadora Prof^a. Dr^a Francilene de Aguiar Parente, que de forma acolhedora me aceitou como sua orientanda e me encorajou a seguir esse caminho, pela rica orientação; também pela compreensão e respeito que contribuíram muito no decorrer do processo de elaboração deste trabalho.

À minha comunidade de pertença Vila União/Campinas, em especial aos moradores que contribuíram nas minhas pesquisas para os tempos comunidades (TC) e na construção deste plano de ação.

A todos os colegas que tive a honra de conhecer nesta trajetória: extrativistas, agricultores, pescadores, quilombolas do curso de Etnodesenvolvimento, da turma de 2016; amigos e amigas de comunidades e municípios diferentes, mas com um mesmo desejo: adquirir conhecimentos para lutar pelos direitos de suas comunidades. Com a ajuda que dávamos uns aos outros, chegamos à conclusão do tão almejado curso superior da UFPA.

Em especial à minha amiga/irmã Rosimar Moreira e ao meu amigo/irmão Evandro Assunção, que durante esses quatro anos juntos formamos o “trio maravilha” por sempre estarmos juntos, desde do primeiro dia de aula, uma amizade que foi crescendo ao longo desses quatro anos de curso. Agradeço de coração a vocês amigos por essa parceria. Estendo os agradecimentos aos amigos (a) Vanilce Gomes, Alberis Gomes, Jagilton Rodrigues e Gilfran Ramos, pela parceria em todos os momentos, por todas as formas de ajuda que recebi de vocês, e pelo carinho de cada um.

E de forma mais especial ainda agradeço ao José Benaion, pela companhia, por todas as ajudas que recebi ao longo dessa trajetória, pelo otimismo que me repassou, pelos conselhos e por todo carinho que me deste. Muito obrigada!

Finalmente, agradeço aos meus familiares de todo o meu coração. Primeiramente aos meus pais, Margarete dos Santos Ribeiro e Douglas Carvalho Garcia, por terem me dado a vida, e por me ensinarem a percorrer meus caminhos de forma correta, que me levaram a ser a pessoa que sou hoje; nesses quatro anos de curso não mediram esforços pela minha permanência na universidade, me ajudando de todas as formas quando precisei. A eles toda a gratidão por serem minha base, minha inspiração e meu incentivo durante todas as fases de minha vida. Em seguida, agradeço também as minhas irmãs e irmãos: Alcione Ribeiro Garcia, Laís Ribeiro Garcia, Luana Ribeiro Garcia e Karolina Ribeiro Garcia, e aos meus irmãos Douglas Ribeiro Garcia, Geremias Ribeiro Garcia e Josué Ribeiro Garcia Muito grata a vocês pelas palavras de incentivo, pela ajuda e por nunca duvidarem da minha capacidade de chegar ao final desse curso.

RESUMO: O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem por objetivo construir um plano de ação com a comunidade quilombola de Vila União/Campinas, fazendo uma observação à realidade social, cultural e econômica local, afim de fortalecer a identidade cultural da Comunidade Quilombola de Vila União/Campinas, por meio da dança e à luz da discussão acerca do Etnodesenvolvimento. O plano que se apresenta será desenvolvido na comunidade quilombola de Vila União/Campinas, situada na PA 154, a 17 km da sede do município de Salvaterra, na Ilha do Marajó, com uma história de conquista de território como povo quilombola. O plano tem como metodologia sugerida ações que serão desenvolvidas por etapas, seguindo um cronograma criado com base nos requisitos da comunidade; as danças que serão trabalhadas no plano, como carimbó e lundum, proporcionarão a demonstração da cultura ainda desconhecida pelo fato da mesma estar invisível de alguma forma dentro da comunidade. Quem chega na comunidade hoje pensa que ela não possui esses conhecimentos, o que incomoda muito os moradores, que solicitaram a reativação das danças no quilombo. Este plano de ação foi uma construção coletiva com a finalidade de fortalecer a identidade cultural da minha comunidade de pertença, a partir da perspectiva do Etnodesenvolvimento de povos e comunidades tradicionais. Partindo desse pressuposto, esperamos que o trabalho venha contribuir, mostrando a importância de nossos conhecimentos e culturas que estão presentes nas comunidades; e que proporcione uma autorreflexão aos comunitários, no sentido de valorizar cada vez mais a cultura no interior de nossas comunidades.

Palavras-chave: Dança; Identidade cultural; Etnodesenvolvimento.

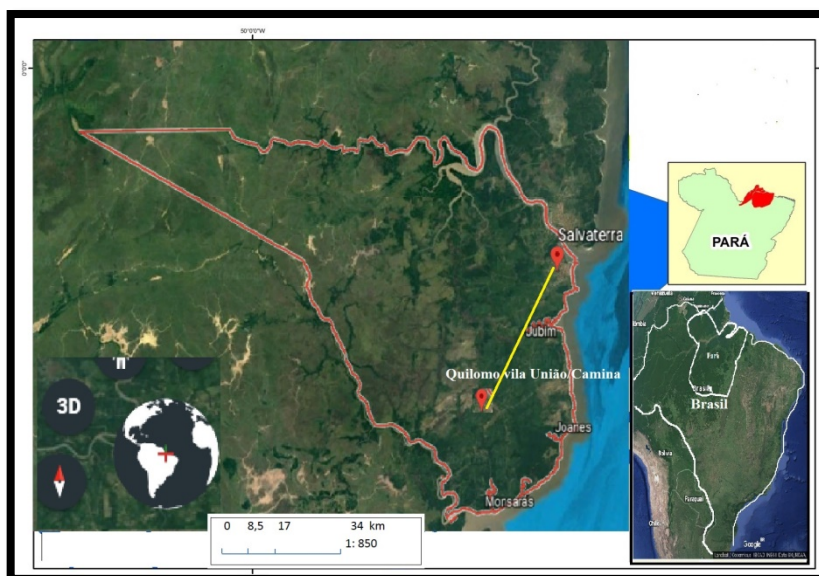
SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE SALVATERRA	13
3. Comunidade quilombola de Vila União/Campinas	13
4. Minha trajetória.....	14
4.1 Reunião com a comunidade para a escolha do tema do plano.....	15
5. PROBLEMÁTICA	19
6. JUSTIFICATIVA	21
7- OBJETIVOS	22
7.1 objetivo Geral.....	22
7.2 Objetivos Específicos	22
8- METAS	23
9-METODOLOGIA	23
9.1.1. Parcerias com a associação local (AMARQVUC), Escola Maria Lucia Ledo Carvalho, órgãos públicos e outras entidades afim de colaborar com o plano	24
9.1.2 Criação do Grupo de Dança	26
9.1.3 Oficinas de dança do que trata a meta (b);	26
9.1.4 Apresentações intercomunitárias.....	27
9.1.5 Reuniões de avaliação durante a execução do plano.....	27
10-CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO	28
11-CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
12-REFERÊNCIAS.....	29

1. INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), parte complementar do Curso de Licenciatura e Bacharelado em Etnodenvolvimento, da Faculdade de Etnodiversidade, da Universidade Federal do Pará/*Campus* Universitário de Altamira/Turma de Soure, tem por objetivo construir um plano de ação com a comunidade de pertença da discente, comunidade quilombola de Vila União/Campinas, no município de Salvaterra na Ilha do Marajó, conforme figura 1, fazendo observação à realidade social, cultural e econômica local, a fim de buscar meios que possam amenizar os problemas colocados pela comunidade durante a formação universitária, por meio dos tempos comunidades (TCs), à luz da discussão acerca do Etnodesenvolvimento.

Figura 1: Contextualização geográfica da localização do Quilombo de Vila União/Campinas no mapa do Brasil, Pará, Marajó e Salvaterra. Fonte imagem Google Earth, montagem Garcia 2018.



Fonte: Garcia, 2018.

O Curso de Etnodesenvolvimento foi pensado para atender as demandas dos povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais, a partir da intervenção dos profissionais formados no Curso, como afirmam Lopes e Silva (2015, p. 226):

O curso de Etnodesenvolvimento foi pensado para atender as demandas de qualificações profissionais de povos e comunidades tradicionais. O objetivo do curso é formar agentes de Etnodesenvolvimento, para que possam trabalhar em suas comunidades de origem intervindo em instâncias internas e externas e na elaboração de projetos de intervenção que possa beneficiar toda a comunidade ... O curso é realizado na Pedagogia da Alternância, desenvolvido no Tempo Comunidade (TC), ocorrido nos períodos de março, abril e maio, e de setembro, outubro e novembro, e no Tempo Universidade (TU), desenvolvidos nos meses de janeiro a fevereiro, e julho a agosto. estrutura Curricular do Curso é

baseada na Pedagogia da Alternância, em que há o período do Tempo-Universidade, sempre no regime intervalar [...] em que os discentes participam das disciplinas curriculares, e o período do Tempo-Comunidade, no qual os discentes retornam aos grupos de pertença para realizar atividades previamente planejadas de pesquisa, extensão e ensino, e que são monitoradas pelos docentes (Idem, 2015, p. 226).

O curso tem como base pedagógica-metodológica a Pedagogia da Alternância. A pedagogia da alternância se conceitua em experiências educacionais que se articulam em espaços e tempos diferentes, como por exemplo, teoria e prática, escola e comunidade. A mesma enfrenta desafios para exercer seu papel, de pôr em prática a atuação transformadora do sujeito como agente de sua história, “a pedagogia da alternância, enquanto proposta educacional, enfrenta desafios para garantir que os jovens do campo curse os diferentes níveis e modalidades de ensino, uma vez que ela tem por objetivo assegurar a formação humana desses sujeitos e o desenvolvimento do campo com sustentabilidade. (CORDEIRO; REIS; HAGE, 2011).

Um período de convivência na sala de aula, chamado tempo universidade (TU), com outro no campo, o TC. No TU, os discentes participam das disciplinas curriculares, dialogam com o conhecimento científico, as referências são discutidas de acordo com a realidade de pertencimentos identitários dos discentes, juntamente com os professores do curso.

A configuração do TC e do TU na prática educacional representa construções abertas de interação sociocultural e de entrecruzamento de fronteiras, de questionamento permanente sobre o *modus operandi* de alternar tempos/lugares que são tanto subjetivos - é dizer, devem ser vivenciados por cada sujeito participante na lida pessoal do relacionamento entre conhecimentos de culturas distintas e, historicamente, conflitivas - quanto intersubjetivos - apreendidos e estruturados de maneira coletiva pela comunidade acadêmica e pelas coletividades étnicas em interlocução com a Universidade (OLIVEIRA; PARENTE; DOMINGUES, 2017).

No TC os alunos retornam às suas comunidades de pertença para então iniciar uma pesquisa e assim obterem informações sobre vários temas discutidos enquanto estavam em sala de aula, para daí então criar um campo de diálogo entre o conhecimento tradicional e científico, fazendo uma reflexão acerca de um e outro com o fim de instrumentalizar o discente para que ele possa qualificar as ações de mobilização, juntamente com a comunidade, nos encontros de seu dia a dia. O TC, portanto, não é somente o monitoramento das atividades dos educandos nas e com as respectivas comunidades, constitui-se em momento de reflexão sobre o papel da universidade na sociedade, a representação da universidade por parte destes coletivos e a

possibilidade de redefinição da própria Pedagógica da Alternância (TEIXEIRA; BERNARTT; TRINDADE, 2008). A investigação e a coleta de dados realizadas ao longo dos oito TCs contribuem para que o discente construa o plano de ação e a execução do mesmo na comunidade de pertença, na medida em que objetiva a busca de resolução de algum problema considerado relevante para o bem-estar social local.

Nesse sentido, a construção dessa proposta se deu com base nas 25 entrevistas feitas durante cinco TCs; no primeiro TC realizado no quilombo foi trabalhado o censo comunitário, a memória, a educação e a saúde. Nesse primeiro TC, o eixo memória, despertou um ponto de atenção para o tema deste TCC, pois as pessoas que eu entrevistei tiveram dificuldade de falar do processo de criação da comunidade, principalmente em afirmar sua identidade quilombola; elas fizeram relatos acerca do processo de criação da comunidade, porém o pertencimento quilombola foi pouco referido entre eles. Com isso, este primeiro TC já identificou que a identidade quilombola da comunidade precisava ser fortalecida.

O segundo TC foi estruturado com os seguintes eixos: Políticas públicas em educação e ações afirmativas, Antropologia e diversidade, Meio ambiente, Arqueologia e Sociolinguística. Nesse TC, a temática dialogada com a comunidade foi a respeito das linguagens culturais, percebi que as danças afro não apareceram nesse contexto de linguagem enquanto que a dança para a comunidade quilombola além de representar um momento de lazer, também expressa um meio de comunicação entre os quilombolas.

No terceiro TC foi feita a pesquisa na comunidade sobre os seguintes temas: Arqueologia e história da Amazônia II, Desenvolvimento e sustentabilidade na Amazônia, Etnolinguística, Gestão educacional e Etnoeducação II, Etnoecologia. Neste surgiram relatos que contribuíram para a escolha do tema do TCC, a partir dos depoimentos feitos no eixo da Arqueologia e história da Amazônia, como podemos visualizar no trecho do relato de dona Cristina Vilhena Pantoja, moradora do quilombo de Vila União/Campinas:

O asfalto e a energia contribuíram muito para o crescimento, ele vem de acordo com a mudança na comunidade, também foi construído o posto de saúde e de gasolina, comércios, igrejas evangélicas e uma católica, os moradores que nasceram na vila são poucos a maioria são de outros lugares, tem gente de Jenipapo, Cachoeira, Breves, Anajás, Acará, Igarapé-açu.¹

Percebe-se que o desenvolvimento externo ocorrido no quilombo devido a chegada do asfalto, como relata a moradora, trouxe muita gente com culturas diferentes para dentro do

¹ Entrevista realizada no III tempo Comunidade do curso de Licenciatura e Bacharelado em Etnodesenvolvimento turma 2016.

quilombo e isso de certa forma influenciou a cultura local, a comunidade era composta por 480 moradores e cem (100) famílias, com o processo migratório, o numero de moradores subiu, agora cerca de 250 famílias moram na comunidade. pois o povo de origem da comunidade virou minoria em relação aos migrantes que se estabeleceram no território em busca de trabalho ou de espaço para montar um empreendimento na comunidade, devido ao fato de o quilombo de Vila União estar situado em um local estratégico que dá acesso a vários municípios, da região do Marajó e do estado do Pará. Com isso, o tráfego de pessoas e veículos pesados é muito intenso durante todo o dia na comunidade; este fato tornou a comunidade um ponto comercial. Isso me leva a enfatizar aqui o ensaio “Estabelecidos e Outsiders” (Elias; Scotson, 1964), que, por sua vez, apresenta fato semelhante ao ocorrido na minha comunidade. Discorre sobre os processos sociais de alcance geral na sociedade humana e a maneira como um grupo de pessoas é capaz de marginalizar e estigmatizar membros de outro grupo.

Neste sentido, nós, enquanto remanescentes dos povos negros que demos origem à comunidade, precisamos fazer com que nossa identidade cultural não deixe de ser manifestada, pois ela é a identidade ancestral do quilombo. Com base nessa discussão trazida, a mesma contribuiu muito na escolha do tema deste plano de ação.

No IV TC, a metodologia de coleta de dados para elaboração do relatório deste TC ocorreu através de entrevistas e conversas informais com os moradores do quilombo. As perguntas foram feitas em relação aos seguintes temas: Gênero, raça/etnicidade e sexualidade; Direitos humanos, gênero e geração; Antropologia da saúde e doença. No TC foram abordados muitos casos que estão presentes dentro da comunidade, como o alcoolismo que hoje é um dos problemas que afeta muitos adolescentes e jovens em vários lugares e a droga ilícita é um problema que está presente infelizmente em qualquer lugar, como veremos melhor a seguir. Além desses casos, existe também a questão do preconceito contra gays e lésbicas; hoje no país vimos muitos casos de homossexuais serem violentados por pessoas preconceituosas, homofóbicas que não aceitam as escolhas das pessoas gays ou lésbicas, discriminação deste tipo não acontece só fora de casa muitas vezes acontece dentro da própria família.

Outro assunto trabalhado foi a respeito das atividades que as pessoas da comunidade realizavam no seu cotidiano, sejam criança, adolescentes, jovens e idosos, e percebe-se a vasta diferença entre os relatos de cada um. Também foram entrevistadas pessoas que falam das práticas vivenciadas na comunidade para a cura através dos profissionais e tratamentos tradicionais, como benzedadeiras e parteiras, pela medicina tradicional, incluindo também os

problemas sociais que afetam a saúde na comunidade, como: gravidez não planejada, abuso sexual de crianças, lixo e outros.

Esse TC foi muito importante. Nele foram ouvidas pessoas da comunidade das diversas faixas etárias de vida entre 18 e 80 anos, cada um abordou, com base em seu ponto de vista, os problemas presentes na comunidade, entre tantos, o alcoolismo e as drogas se destacaram, afetando principalmente jovens e adolescentes do quilombo. Nesse momento, começamos a refletir na comunidade formas de ocupar o tempo desse público, após suas atividades escolares. A realização da atividade me deu a base do público que o plano de ação atenderia.

No V TC entramos na fase de escolha do Tema, onde começou efetivamente a elaboração do pré-projeto de TCC, com a estruturação da introdução, problemática e justificativa. Nesta fase juntamos a problemática da autoafirmação da identidade cultural e a questão da ociosidade dos jovens e adolescentes do quilombo de Vila União/Campinas, procurando trabalhar uma temática de enfrentamento a estes dois problemas. Então surgiu a dança para auto afirmação, buscando envolver os jovens e adolescentes, porque ao mesmo tempo que trabalhamos a autoafirmação da identidade estaremos oferecendo um momento de recreação para esse público. Vale lembrar que o papel da comunidade foi de suma importância para a escolha do tema do plano a ser trabalhado. O processo de escolha do tema se deu através das entrevistas com os moradores da comunidade durante os tempos comunidades; esse diálogo com os comunitários foi essencial para chegar a um tema que abordasse as expectativas de cada um.

O fortalecimento da identidade através da dança surgiu como uma forma de fortalecer a cultura e visibilizá-la, ou seja, fazer com que a cultura da comunidade seja visível a todos. A proposta de ação demandada pela comunidade visa trabalhar com os adolescentes de 15 a 17 anos, e jovens de 18 a 25 anos da comunidade de Vila União/Campinas. Entre as danças a serem praticadas estão o carimbó e o lundum.

O plano de ação está estruturado nos seguintes tópicos: contextualização do município, contextualização da comunidade, relato da reunião na qual foi escolhido o tema do plano de ação, discussão da arte a ser trabalhada, no caso a dança, e os registros de atividade desse tipo realizada no quilombo em momentos anteriores. A seguir serão apresentados os pontos estabelecidos como problemática, justificativa, objetivo geral e específico do plano, metas, metodologia e cronograma de execução.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE SALVATERRA

A Ilha do Marajó é um território que carrega consigo uma história marcada pela diáspora africana. O que evidencia a presença negra existente e marcante nesse recorte amazônico é a existência de várias comunidades quilombolas e inúmeras famílias de afrodescendentes que compõem a população marajoara (PERES; AZEVEDO, 2011).

Aqui destacamos o município de Salvaterra colonizado por frades jesuítas por volta do século de XVIII, que se instalaram na Vila de Monsarás, quando esta era a então sede do município, tendo sido considerada porta de entrada dos colonizadores na ilha. Atualmente, Salvaterra é um dos municípios de menor tamanho da Ilha do Marajó, porém a presença negra e de sua influência se fez marcante, tornando-se o município de maior concentração de comunidades remanescentes de quilombos do lugar, com 18 comunidades quilombolas ao total. Essas comunidades datam de 1850, período que antecede a abolição da escravidão, o que demonstra a resistência dessas comunidades que estabeleceram laços de parentesco entre si, e que se faz presente ainda hoje, perpetuando assim “o reconhecimento de uma história comum, entre as comunidades; a sua condição de herdeiros da terra” (MALUNGU, 2006, p. 4).

Salvaterra está localizada no arquipélago do Marajó, banhada por água ora salgada, por grande influência do oceano Atlântico, no período de junho a novembro durante o verão; ora doce, de dezembro a maio, durante o inverno. Possui como limites o município de Soure ao norte, do qual está separado pelo rio Paracauari; ao sul, o município de Cachoeira do Arari, separado pelo rio Camará; à leste, a Baía de Marajó; ao sul a Baía de Marajó e o município de Cachoeira do Arari; e a oeste, este mesmo município. É ainda em torno das águas que Salvaterra desenvolve suas principais atividades econômicas, de transporte e cultura.

3. Comunidade quilombola de Vila União/Campinas

O plano que se apresenta será desenvolvido na comunidade quilombola de Vila União/Campinas, situada no espaço rural, na PA 154, a 17 km da sede do município de Salvaterra no Marajó dos campos. O acesso é realizado por via terrestre. A comunidade existe há mais de 33 anos, de acordo com as entrevistas realizadas no período do primeiro TC com os moradores mais antigos da comunidade. Na época, poucas famílias viviam no lugar. Estima-se hoje que a comunidade possua aproximadamente 480 moradores e cerca de 100 famílias, com base no censo comunitário realizado no primeiro TC, em 2016.

No Quilombo de Vila União/Campinas existem duas escolas reconhecidas socialmente como quilombolas, por estarem em território quilombola, a Escola Municipal de Ensino Infantil Fundamental de Vila União (EMEIFVU) e a Escola Municipal de Ensino Fundamental Quilombola Maria Lucia Ledo Carvalho (EMEFQMLLC); ambas atendem a comunidade local e vizinhança. Abriga também um posto de saúde, que funciona todos os dias, atendendo o povo da comunidade e as pessoas das outras localidades mais próximas; o atendimento com médico, dentista e enfermeiros ocorre apenas uma vez na semana. Há ainda um posto de gasolina, uma distribuidora de gás, uma associação quilombola, comércios, cinco igrejas evangélicas e uma católica.

As manifestações culturais que acontecem na comunidade são no mês de janeiro, o cário de uma comunidade próxima chamada Pingo D'água, que inicia na comunidade de Vila União e, por isso, tornou-se uma data comemorativa para a comunidade local; o aniversário da Vila, realizado no mês de abril; e o festival da mandioca, que acontece no mês de agosto. Além dessas, no ano de 2018, a comunidade foi sede da realização do XV Jogos Quilombolas,² sob a coordenação da ABAYOMI³.

As atividades produtivas na comunidade se baseiam na agricultura, mas especificamente nas culturas do abacaxi e mandioca. Além desta, existem outras fontes de trabalho, como funcionalismo público, nos quais são ofertados cargos de professores, serviços gerais, secretários e vigia nas escolas, porém estas vagas quase sempre são ocupadas por pessoas não quilombolas, muitas das vezes por questões políticas, mas também por conta do último concurso público que aconteceu no município em 2015, e resultou em várias pessoas não quilombolas aprovadas.

A comunidade possui problemas sociais como quase em todo lugar. Em uma pesquisa realizada por mim com os moradores na própria comunidade no ano de 2018, foi relatado que

² É um evento tradicional, realizado pelas comunidades quilombolas, tendo ocorrido há muitos anos sob a coordenação da ABAYOMI. O evento é realizado no dia 20 do mês de novembro, devido a importância da consciência negra. As comunidades se encontram em uma só comunidade neste evento; são realizados jogos de futebol, vôlei, corridas, mergulho, entre outras modalidades esportivas; à noite acontecem as atividades culturais, como: apresentação de grupos folclóricos, desfile das misses, entre outras. São no máximo quatro dias de realização do evento, ao final é feito o sorteio da próxima comunidade que irá receber os jogos no ano seguinte.

³ A mesma se alinha ao processo de organização das comunidades quilombolas do município de Salvaterra, sendo um grupo de jovens negros quilombolas que discute políticas públicas e ações afirmativas que não chegam nos quilombos. No dia 28 de abril de 2013, na comunidade quilombola de Deus Me Ajude, foi fundado o grupo 'ABAYOMI', nome esse que significa encontro precioso. O grupo se organiza com os cargos de coordenador (a), vice coordenador(a), primeiro secretário(a), segundo secretário(a), primeiro tesoureiro(a), segundo tesoureiro(a) e articuladores culturais. O grupo realiza encontros municipais nas comunidades quilombolas, com projetos financiados por entidades onde vêm desenvolvendo ações que visam fortalecer a juventude por meio de atividades socioculturais.

o alcoolismo é um problema frequente no quilombo. Adolescentes e jovens consomem bebida alcoólica e acabam tendo problemas de saúde por conta disso. Como cita a jovem Laís Garcia:

O problema mais frequente é o alcoolismo, principalmente na vida dos adolescentes e dos jovens, inclusive quando tem festa na comunidade o que a gente mais vê são eles consumindo o álcool, isso é devido os pais, muitas das vezes que não aconselham seus filhos, já aconteceu casos de jovens e adolescentes chegarem a agredir seus pais porque estavam embriagados e os pais foram chamar atenção, não só a agressão física, mas a verbal também. Infelizmente, esse problema é o mais presente dentro da comunidade (GARCIA, 2018 p. 13)⁴.

Em meio a esses problemas que a comunidade enfrenta, está o desejo de vir a criar o plano de ação, também com o intuito de amenizá-los. O plano não tem a pretensão de solucionar problemas sociais tão complexos, mas pode ajudar a juventude a manter distância deles a partir do envolvimento em outras atividades sociais e de lazer.

4. Minha trajetória

Me chamo Jéssica Ribeiro Garcia e sou quilombola. Nasci e cresci na comunidade de Vila União/Campinas, sou quilombola, não só por morar em um quilombo, e sim porque carrego comigo as culturas e costumes deixados por meus antepassados, passei a minha infância toda dentro da comunidade, entre brincadeiras, conhecendo amiguinhos, tive uma infância muito prazerosa, ganhei amor, carinho, educação e, o melhor de tudo, tenho uma família maravilhosa. Os dias, meses e anos vão passando, deixei de ser uma criança que só brincava e iniciei meus estudos, 1^a, 2^a, 3^a e 4^a séries, estudei na Escola Municipal fundamental menor de Vila União/Campinas, foram muitos aprendizados, ali foi o início da minha jornada enquanto estudante e pessoa.

A partir da 5^a e 6^a séries do ensino fundamental maior, passei a estudar na sede do município em Salvaterra na Escola Oscarina Santos, pelo fato de não haver na comunidade uma instituição que atendesse a esse nível. Em 2011, a comunidade obteve a conquista de uma escola de ensino fundamental maior-polo, chamada Maria Lucia Ledo Carvalho, e passei a estudar novamente na comunidade a 7^a e a 8^a séries, assim concluindo em 2012 meu ensino fundamental. Já meu ensino médio estudei na sede do município na escola Ademar Nunes de Vasconcelos, concluindo em 2015.

A partir daí comecei a me preparar para o vestibular, foi então que em 2016 realizei o processo seletivo especial (PSE), confesso que no ato da inscrição eu não tinha nenhum conhecimento do que era o curso de Etnodesenvolvimento, mas mesmo assim realizei minha

⁴ Entrevista realizada no IV tempo comunidade do Curso de Etnodesenvolvimento, turma 2016.

inscrição para o mesmo. Em busca de informações soube que era um curso diferenciado, na modalidade intervalar/intensivo (com atividades presenciais no Campus da UFPA/Soure nos meses de janeiro e fevereiro; julho e agosto), voltado para povos e comunidades tradicionais. Enfim obtive a aprovação nas etapas do processo seletivo, iniciando uma nova jornada de quatro anos no ensino superior.

Posso dizer que o curso me fez desvelar minha comunidade, o lugar onde eu nasci e que pensei conhecer. Um curso que fala a realidade de nós, povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais; um curso que nos prepara para as lutas em prol de nossas comunidades.

4.1-Reunião com a comunidade para a escolha do tema do plano

No mês agosto de 2018 foi realizada a reunião organizada pelas quatro discentes do curso que moram na comunidade Vila União/campinas, no caso eu, Jéssica Garcia, Rosimar Moreira, Dayane Chaves e Izabel da silva, com o intuito de escolher o tema para os nossos TCCs. Neste sentido, convocamos a comunidade para que pudéssemos realizar esse momento de forma coletiva. Achamos entre nós discentes que essa metodologia seria mais viável, tanto do ponto de vista de participação da comunidade, quanto na diversificação das temáticas que iriam ser trabalhadas por nós, já que o TCC prevê que esse plano de ação seja de fato executado na comunidade.

Voltando a escolha do meu tema, nos diálogos realizados durante as pesquisas do tempo comunidade, já vinha sendo pensada essa proposta do plano de ação pelos moradores, principalmente porque eu sempre fazia questão de lembrar que em meu TCC seria feito um plano de ação para beneficiar a comunidade de alguma forma. Então, muitos dos entrevistados falavam a respeito das danças culturais, por esse motivo não foi tão difícil chegarmos à escolha do tema do TCC.

Na reunião foi feito o levantamento por meio de discussão dos tempos comunidades sobre o que poderia ser o objeto de pesquisa de cada discente. Nela estavam presentes o vice coordenador da escola Maria Lúcia Ledo Carvalho, Klebson Glória, egresso do curso de Etnodesenvolvimento; a presidente da Associação de Mães e Agricultores Remanescentes de Quilombo de Vila União/Campinas, Roseli Moreira; o diretor da escola EMEIF de Vila União, Francisco Garcia; alguns moradores da comunidade, num total de dez pessoas: Luana Garcia, Líbia Pantoja, Maria Moreira, Raika, Ana, Daniela Chaves, Alison Moreira, Paula Moreira, Francisca e Lidiane Vilhena; e as quatro discentes do curso de Etnodesenvolvimento: eu, Cada

discente apresentou sua proposta de plano, prevista com base nas entrevistas dos TCs, como disse anteriormente.

Na minha oportunidade, fiz uma análise de minhas pesquisas de tempo comunidade e apresentei uma proposta inicial, de acordo com a problemática que achei mais relevante para trabalhar, sempre procurando me colocar, não somente como discente do curso, mas também como uma jovem que (con) vive na comunidade.

Com a palavra, a senhora Roseli Moreira argumentou sobre a proposta e apontou muitas ideias de como poderia ser realizado o plano, quem participaria, como poderia apoiar o plano. Já a Sra. Maria Moreira ponderou o seguinte: “a comunidade possui uma cultura tão rica deixada pelos nossos antepassados, e isso precisa ser mostrado”; continuou afirmando que: “em eventos realizados na comunidade quem vem abrilhantar são grupos de danças de outras comunidades, e isso acontece porque a comunidade local não possui grupos organizados para esses momentos” e se colocou como uma das participantes do grupo de dança, a ser criado pelo plano de ação. O Sr. Klebson Glória pediu a palavra. Iniciou parabenizando pela iniciativa. Sugeriu que o tema delimitado fosse as danças, porque a proposta inicial do tema era: *Dança como fortalecimento da identidade cultural e como meio de solução para os problemas sociais da comunidade de Vila União/ Campinas*, até porque a solução dos problemas sociais poderá ser consequência de um trabalho social no caso a dança. Todos esses relatos foram acatados e o tema escolhido foi: Dança como fortalecimento da identidade cultural.

A escolha do tema se deve por conta da carência que a comunidade tem em relação às atividades dessa natureza e a arte de dançar ser muito apreciada por adolescentes e jovens da comunidade. Até mesmo pessoas da meia idade querem praticar essa arte. Com o plano de ação surge a oportunidade de trabalhar a dança no quilombo, no sentido de fortalecer a identidade cultural; por este motivo os moradores abraçaram essa oportunidade, escolhendo o tema.

Para Barros (2008), a dança é uma das três principais artes cênicas da antiguidade, ao lado do teatro e da música. Caracterizada pelo uso do corpo seguindo movimentos previamente estabelecidos (coreografia) ou improvisados (dança livre), geralmente, com passos cadenciados, é acompanhada ao som e compasso de música e envolve a expressão de sentimentos potencializados por ela. Mas não é somente através do som de uma música que se pode dançar, pois os movimentos podem acontecer independentes do som que se ouve, e até mesmo sem ele. Dessa maneira, pode-se dizer então que a dança é a arte de mexer o corpo ou a alma, através de uma cadência de movimentos e ritmos, criando uma harmonia própria. Porém, existem vários ritmos para serem dançados. Como vimos anteriormente, esses ritmos

são os movimentos estabelecidos, ou seja, a coreografia criada para cada tipo de dança, como o forró, o carimbó, o tango, a valsa, dentre outros. (BARROS, 2008) O foco neste trabalho são as danças afros, mais especificamente o carimbó e o lundum, onde a dança expressa também a identidade do povo.

Em pesquisa na comunidade em busca de informações sobre a existência de atividades de dança, encontrei uma pessoa que organizou um grupo por algum tempo, juntamente com algumas pessoas da comunidade: o senhor Gerônimo Garcia. Essa atividade que ele realizava era uma quadrilha. Ele relata que a primeira quadrilha foi fundada no ano de 1999, para animar o lugar que dizia ser muito calmo:

A primeira quadrilha que eu fiz foi fundada no ano de 1999. A primeira quadrilha na Vila União, antes Campinas. Vou contar um pouco da história. Era uma Vila assim muito calma, então eu queria criar alguma coisa que animasse mais a garotada, e eu participei muito de eventos de quadrilha, de dança, de grupo de dança, na cidade de Salvaterra, então resolvi criar uma quadrilha aqui na Vila União pra animar a Vila né, que era muito calma, então através de uma conversa com os jovens da Vila coloquei a proposta e eles né, porque queria fazer algo pra alegrar a Vila, mas não tínhamos recurso pra montar a quadrilha, então eu pensei, pensei muito em desistir né, porque não tínhamos recurso pra fazer não tínhamos e nem dinheiro pra comprar as roupas pronta, aí o que foi que eu fiz, eu tive uma ideia de colocar uma quadrilha caipira realmente caipira mesmo né, cada um tivesse sua roupa cada um vestisse aquilo que tinha né, aí então os jovens aceitaram a proposta né. (Gerônimo Garcia, entrevista realizada em 2019)

O senhor Gerônimo é uma pessoa que gosta de promover atividades na comunidade, com a ajuda de muitos jovens. Ele conseguiu criar um grupo de quadrilha que, apesar das dificuldades, era uma atração bastante apreciada nos terreiros juninos do todo o município de Salvaterra. Ele também falou que as dificuldades eram muitas, mas ele é uma pessoa otimista e não desistia fácil; a quadrilha foi muito bem vista e eles receberam apoio para que continuasse a existir, como podemos ver abaixo:

Então aí nós juntamos 9 (nove) pares, o nome da quadrilha depois que nós conversamos ficou assim “Vem como pode que eu tô na roça”, por causa que cada um vinha como podia cada um fazia sua vestimenta então por isso que ficou assim o nome da quadrilha, mas depois de algum tempo já pelo dia 15 (quinze) do mês de junho alguém se emocionou com a quadrilha do jeito que a gente estava levando, foi o professor Leônidas, aí ele foi em Soure conseguiu umas roupas de quadrilhas do ano anterior e trouxe e aí a quadrilha ficou linda né ficou bem legal as vestimentas né. (Gerônimo Garcia, entrevista realizada em 2019)

Foram tempos bons e difíceis, como ele mesmo fala. Todos gostaram muito de participar. Porém, chegou um momento em que a atividade acabou, os jovens que participavam foram constituindo família e não houve como continuar as atividades, como será visto abaixo:

Esse é um resumo da história desse tempo, tem coisas que eu lembro e tem coisas que eu não lembro mais, depois que findou a quadrilha, aí o tempo foi passando os meninos arrumaram família se casaram aí foi, e eu depois tentei fazer outros eventos

na vila pra sempre animar, que eu fui uma pessoa que sempre quis estar animando a vila. (Gerônimo Garcia, entrevista realizada em 2019)

Os depoimentos do senhor Gerônimo Garcia nos motivaram a dar continuidade nos trabalhos de danças juntos aos jovens da comunidade, hoje, apesar das dificuldades financeiras persistirem, a gente pode firmar parcerias para organizar esses tipos de grupos culturais dentro da comunidade, inspirado na história do senhor Gerônimo Garcia. Um dos fatos marcantes em todo o enredo contado por ele é o próprio nome do grupo de quadrilha que ele fundou “Vem como pode que eu tô na roça”; às vezes queremos fazer as coisas no luxo, mas não valorizamos aquilo que temos a dispor. Hoje nós temos o carimbó e o lundum que são danças que fazem parte da nossa cultura e da nossa identidade quilombola, mas às vezes deixamos de valorizar o que é nossa para consumir cultura de fora. Nosso intuito não é apagar culturas dos outros grupos sócios, mas sim torna a nossa visível entre elas.

Nessa primeira etapa foi discutido o início de como tudo começou, muitas ideias, tensões, um emaranhado de informações que, às vezes, nos põe em dúvida de como organizar tudo para que cheguemos ao nosso objetivo. Mas passemos agora para a organização dessas ideias, ou seja, de como tudo vai acontecer, passo a passo.

5. PROBLEMÁTICA

A identidade de uma comunidade quilombola, vai muito além dos elementos culturais. Nela está inserida uma teia de significados e que entrelaça aos sujeitos uma forma de mostra o qual é importante a história do povo negro, história essa que remete ao passado onde ocorreu os tempos de escravidão com histórias de resistência e luta. Por sua vez “a identidade pode ser entendida como o produto da ação do próprio indivíduo e da sociedade, de tal maneira que se forme na confluência de forças sociais que operam sobre o indivíduo e na qual ele próprio atua e constrói a si mesmo” (BARÓ, 1989, citado por GONZALES REY, 2003).

Na identidade está presente, os valores, costumes e símbolos que são criados, em meio a um determinado grupo, os sujeitos pertencentes a esse grupo, criam laços muito forte a esses elementos, tornando-o parte de si mesmo. Portanto, deixar que essas riquezas, que são os nossos costumes, deixa que eles sejam esquecidos ou fiquem em invisibilidade é de fato muito triste, para um povo que carrega tantas lutas e histórias referências para o universo. Como por exemplo, uma história que remete uma dimensão secular de resistência, na qual homens e mulheres buscavam o quilombo como possibilidade de se manterem física, social e

culturalmente, em contraponto à lógica escravocrata. E esse ponto é um dos mais fortes que o povo negro viveu:

Devido a um passado de escravidão, lutas, fugas e constituição de quilombos, o universo simbólico analisado nos permite delinear uma lógica social em que a interação, o convívio e o isolamento influenciam na construção de uma identidade cultural. Questionar como a cultura influencia na organização social e incide sobre a identidade e a subjetividade dos sujeitos em questão é um caminho possível para a psicologia cultural, ao tratar de significados, costumes e símbolos próprios de determinada comunidade ou sociedade. (FURTADO et al, 2014, p.106)

No quilombo de Vila União/Campinas, danças como carimbó e lundum eram bastante praticadas pelos seus antepassados, ditando sua identidade. Com o tempo foram deixando de ser vividas na comunidade. Então, se nós, enquanto jovens, não trabalharmos o fortalecimento da nossa identidade e cultura, o que será de nosso povo futuramente? Nós, como moradores, não podemos deixar morrer a essência da nossa história, temos que cada vez mais mostrar a riqueza que a comunidade de Vila União/Campinas possui.

A comunidade já recebeu oficinas e cursos de empreendedorismo, danças afros, extração de argila, entre outros, por sinal foram muito bem recebidos pela comunidade. No entanto, a comunidade não teve condições para dar continuidade nas atividades por uma série de fatores, entre eles pode ser destacado que os coordenadores e ministradores eram pessoas de fora e a partir do momento que essas pessoas foram embora não conseguimos dominar as habilidades propostas por cada oficina e curso. Isso resultou no pouco êxito em relação ao que se esperava, principalmente por conta de a carga horária de atividades das ações serem consideradas poucas para a execução dessa atividade, o que não retira a importância das mesmas.

Um dos projetos que veio para o quilombo era relacionado a danças culturais. Sua realização deu-se apenas por uma semana, mas foi lindo de ver várias pessoas interessadas em participar das atividades que foram concretizadas. Eu tive a oportunidade de participar também, ali eu observei que os moradores ficaram encantados e motivados a querer aprender a dançar.

Observei nos eventos realizados no quilombo que grupos de danças de outras localidades vinham fazer apresentações e mostrar a cultura da sua comunidade, enquanto na nossa infelizmente a dança não é vivenciada e por isso não pode fazer o mesmo nesses eventos, como por exemplo, eventos nas escolas, os jogos quilombolas, dentre outros, os moradores comentaram na reunião nesse sentido também e se entristecem com isso.

Portanto, desejamos realizar esse plano na comunidade, primeiro porque é um tema que faz parte da nossa vida e a dança ser uma arte que eu gosto muito de praticar; segundo, e principalmente, a comunidade aprovou porque acredita que a arte da dança faz parte da identidade cultural do povo quilombola da comunidade de Vila União/Campinas.

6. JUSTIFICATIVA

A identidade do povo marajoara passou por um processo de etnocídio, processo esse vinculado ao genocídio de seu povo por meio da negação ou não aceitação de sua cultura, destruição da cultura de um povo em vez do povo em si mesmo, embora as duas ações possam ter o mesmo efeito. Quando nos referimos aos povos nativos que aqui viveram, hoje quase não se vê falar nas populações indígenas, isso por conta do processo violento de colonização do território do Marajó, segundo Pacheco (2012).

Os dados historicamente reforçam as desconstruções da existência africana na região, já que no processo de colonização do Brasil povos negros foram trazidos para o Marajó em grande número na condição de escravizados, mas este povo resistiu a muitas chibatadas e todo tipo de violência; hoje mesmo não tendo comunidade indígena autodeclarada no Marajó nós povo negro que aqui habitamos, levamos conosco as mesclas, ou seja, as tradições interétnicas no cenário da Amazônia Marajoara, entre índios e negros (Pacheco, 2012). Entre essa mescla podem ser destacados o Carimbó e o Lundum que são símbolo da cultura negra marajoara que em sua essência traz a identidade cultural negra, representada nos tambores, e no figurino da dança, no maracá e cheque-cheque, bem como na maneira de dançar em círculo, a cultura indígena.

Toda essa manifestação cultural na comunidade de Vila União está paralisada em virtude do movimento externo, ou seja, as empresas e novos moradores, que estão se instalando no quilombo, e com eles estão vindo culturas diferentes, de povos que não são os nossos. Criando, assim, uma espécie de hibridismo, que se dá a uma mistura dos vocabulários de duas ou mais línguas, ou seja, com a chegada de novos moradores para a comunidade, isso provavelmente irá acontecer. E também junto com os novos moradores chegam as estratégias de empreendedorismo que tem o intuito de despertar as potencialidades existentes ou descobrir novas, as estratégias de desenvolvimento local.

Para a atual realidade que se encontra o quilombo, este plano de ação será um instrumento de valorização da identidade da comunidade o qual será manifestado através da

dança. Em conformidade com o Etnodesenvolvimento, vem sendo trabalhado, para contrapor as teorias e ações etnocidas, que tomam as sociedades indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais, como obstáculo para o progresso. Assim destruindo a capacidade social desses povos poderem construir seu próprio futuro sendo que eles têm “a capacidade autônoma de uma sociedade culturalmente diferenciada para guiar seu desenvolvimento” (BATALLA et al., 1982 *apud* VERDUM, 2002, p. 88).

O Etnodesenvolvimento surge com a ideia de mudar esse quadro e fazer com que os povos e comunidades tradicionais tenham autoridade para criar um quadro técnico dentro dessas comunidades, também criar e executar planos que irão promover o fortalecimento da identidade cultural de uma comunidade. Este plano de ação tem o objetivo de fortalecer a identidade cultural da comunidade quilombola de Vila União/Campinas a partir da percepção da comunidade, com o envolvimento dos comunitários. Neste sentido, ele é considerado por minha comunidade de pertença como uma ação de Etnodesenvolvimento.

Portanto, desejamos realizar esse plano na comunidade, porque é um tema que faz parte da nossa vida, como um instrumento de comunicação, identidade e resistência e todos nós gostamos de praticar essa arte e, acima de tudo, tendo a própria comunidade como gestora de seu desenvolvimento.

7- OBJETIVOS

7.1 objetivo Geral

Fortalecer a identidade cultural da Comunidade Quilombola de Vila União/Campinas, por meio da dança.

7.2 Objetivos Específicos

- a) Constituir e fortalecer parcerias entre a comunidade e instituições públicas, e outras entidades, a fim de colaborar com o plano;
- b) Dar condições para a manutenção da identidade cultural quilombola de Vila União/Campinas;
- c) Propiciar ações coletivas junto à comunidade para a realização de eventos e oficinas onde serão realizadas o plano de ação;

- d) Participar de eventos culturais afirmando a identidade quilombola de Vila União/campinas;
- e) Garantir a avaliação e monitoramento das ações realizadas pelo plano e compartilhar o resultado alcançado.

8- METAS

- a) Estabelecer parcerias com a associação local (AMARQVUC) e a Escola Maria Lúcia Ledo Carvalho e UFPA através do curso de Etnodesenvolvimento.
- b) Criar um Grupo de Dança que realize de forma permanente as danças de Carimbó e Lundum, no quilombo de Vila União/Campinas;
- c) Fazer 10 Oficinas de dança com os participantes envolvendo as modalidades de danças estabelecidas na meta (b);
- d) Realizar apresentações intercomunitárias, pelo período dos jogos quilombolas do município de Salvaterra
- e) Realizar 03 reuniões de avaliação durante a execução do plano;

9-METODOLOGIA

O pensamento de construir esse plano vem da motivação da minha comunidade. Neste sentido, o primeiro passo foi realizar com os comunitários uma reunião para discutir propostas promovidas por eles; por ser uma pesquisa-ação, o plano busca atuar diretamente na realidade dos atores sociais da própria comunidade, como registra Franco “[...] a pesquisa-ação deve partir de uma situação social concreta a modificar e, mais que isso, deve se inspirar constantemente nas transformações e nos elementos novos que surgem durante o processo e sob a influência da pesquisa” (2005, p. 486). O mesmo será realizado por etapas, de maneira bem flexível, levando em consideração as especificidades do quilombo, a partir da valorização das práticas tradicionais e o fortalecimento da identidade cultural da comunidade.

O plano tem como finalidade as danças de carimbó e lundum. O carimbó, por sua vez, é um ritmo predominante da cultura marajoara, que encanta com suas letras e danças e é muito cultivado, principalmente pelos quilombolas; o lundum é uma dança de origem africana que expressa a sensualidade e a beleza do povo negro. Através delas, mostraremos a nossa cultura e assim criaremos uma relação entre o presente e o passado, levando em consideração a

especificidade da comunidade, valorizando nosso contexto histórico, de certo modo aprendendo com o passado para viver o presente e construir o futuro, mas essa relação precisa continuar. Para isso, é importante que os jovens sejam orientados e cada vez mais incluídos nesse processo de valorização cultural através da dança.

A execução do plano se dará de forma compartilhada com a comunidade, já que ele partiu de uma necessidade identificada pela comunidade. Com isso, faz-se necessário que a comunidade se sinta parte de plano, não apenas na teoria, mas também nas práticas que serão adotadas até que todas as metas aqui elencadas sejam alcançadas.

Para isso será montada uma equipe de coordenação constituída pela própria comunidade, incluindo a mim. A equipe ficará responsável pela coordenação e execução do plano em todos os sentidos, como: reunir com a comunidade para tomar decisão a respeito do plano, fazer as tratativas que firmarão as parcerias de que trata, realizar a divulgação, estabelecer premissas para solucionar qualquer eventual problema que poderá ocorrer.

Todas as atividades serão voltadas para a comunidade local, principalmente as que forem referentes à constituição do grupo de dança, porém não descarta a possibilidade da participação de pessoas de outras comunidades quilombolas, caso se interessem pelo plano.

As danças que serão trabalhadas no plano, como carimbó e lundum, proporcionarão a demonstração de parcela da cultura que será mostrada e apreciada por muitas pessoas que ainda não haviam conhecido pelo fato da mesma estar invisível de alguma forma dentro da comunidade. Quem chega na comunidade hoje pensa que ela não possui esses conhecimentos, o que incomoda muito os moradores, que solicitaram a reativação das danças no quilombo. Para tanto, será necessário seguir algumas ações:

9.1.1. Parcerias com a associação local (AMARQVUC), Escola Maria Lucia Ledo Carvalho, órgãos públicos e outras entidades a fim de colaborar com o plano

O objetivo proposto anteriormente será alcançado com a realização da meta (a) que trata das parcerias. Serão realizadas reuniões com as instituições e entidades ligadas ao tema e/ou comunidade, a fim de alinharmos as atribuições de cada um na execução do plano. A parceria com a Associação de Mães e Agricultores da Comunidade de Vila União Campinas – AMARQVUC, será a seguinte: A Associação entrará com a contrapartida da sua sede para a realização das atividades estabelecidas neste plano de ação; também sabemos que esta ação demanda custos; para chegarmos aos objetivos propostos, iremos submeter este plano pela

AMARQVUC em editais, com o propósito de obter parceria com órgãos públicos, para que o mesmo venha ser aprovado e financiado por essas entidades; assim dando suporte financeiro para que as atividades do plano possam ser realizadas com facilidade na comunidade. É importante salientar que esses órgãos deverão atuar sem tentativas de subordinações ou uso do poder político partidário, respeitando a autonomia da comunidade Vila União/Campinas. Para Namorado (2005), as parcerias podem ser destacadas como a capacidade de proteger e apoiar os mais “fracos”, diante do potencial de atenuação das sequelas duras do capitalismo.

A Escola Lucia Ledo, por sua vez, trabalhará de maneira interdisciplinar conosco nas atividades que serão realizadas com o público deste plano já que a maior parte deles é aluno da referida escola. Assim, o grupo de dança participará das atividades culturais desenvolvidas pela escola ou pela comunidade, como: feira de ciências, jogos internos, concurso de quadrinha e feira cultural quilombola que a escola participa na sede do município; os alunos serão avaliados pela equipe da escola composta por professores, os engajamentos e dedicação de cada aluno participante deste plano de ação, será revertido em conceito nas disciplinas, ou seja, de forma que o aluno venha participar e ter uma nota que vai somar pontos no processo de avaliação dele, ligado de forma interdisciplinar com as atividades deste plano.

A parceria com a UFPA, por meio do Curso de Etnodesenvolvimento, na realidade está se dando a partir do momento em que eu criei o vínculo institucional com o curso; foi através dele que tivemos a possibilidade de pensarmos na implementação deste plano que contempla minha comunidade de pertença com essas ações balizadas no conceito de Etnodesenvolvimento.

O processo de elaboração deste trabalho possui como membros na organização a comunidade, eu discente do curso de Etnodesenvolvimento e a instituição UFPA, ou seja, a comunidade tem seu papel e eu enquanto discente tenho o meu, e assim vamos trabalhar juntas; a comunidade levanta as demandas e eu, enquanto discente, apresento para a universidade e a universidade, por meio do curso, nos auxilia com a contribuição necessária para que possamos elaborar de forma eficiente cada ação deste TCC.

Neste sentido, é louvável que esta parceria continue até ao final da execução das atividades previstas no plano de ação. Para isso, a parceira com a UFPA continuará através do Núcleo Ação Pesquisa e Extensão, de Vila União/Campinas, coordenado pelo Prof. Dr. Gustavo Goulart Moreira Moura. As ações desenvolvidas pelo núcleo de Vila União/Campinas estão voltadas para a igualdade de gênero, identidade, territorialidade e memória. Como a ideia do

plano está voltada a estas ações, então é válido fortalecê-las criando a parceria para que o TCC e o Núcleo sejam desenvolvidas na mesma comunidade e com o mesmo público.

9.1.2 Criação do Grupo de Dança

Para esta ação, proposta nos objetivos e metas deste plano de TCC, será realizada uma reunião com a comunidade e os interessados a compor o grupo de dança. A reunião terá o propósito de estabelecer normas que regulamentarão o grupo e a participação no plano. Também serão tratados os seguintes pontos:

- 1- Criação e escolha do nome oficial do grupo de dança.
- 2- Escolha das músicas.
- 3- Escolha dos figurinos.
- 4- Dia e horário dos ensaios.

A reunião terá duração de 4 horas. Será um momento de todos socializarem suas ideias para que cada um participe das escolhas. Também será importante que todos tenham ciência das decisões, assim como dos horários para participação das ações, por exemplo, para que tenhamos o mínimo ou nenhum prejuízo para qualquer membro do grupo.

A criação do grupo na comunidade é uma proposta para a discussão da identidade cultural no quilombo. O grupo vai trabalhar as especificidades do quilombo, podendo assim valorizar os nossos costumes, tradições, enfim nossa identidade.

9.1.3 Oficinas de dança (meta c);

Para proporcionar as ações coletivas descritas no objetivo da linha c foram traçadas as metas de realização de 10 oficinas, uma vez por semana, totalizando 2 meses e meio de atividades, visando à formação teórica dos participantes e as modalidades de danças de Carimbó e Lundum. As oficinas ocorrerão no turno da noite, sendo que neste período todos os brincantes poderão estar presentes, devido já terem realizados suas atividades particulares durante o dia.

As oficinas terão carga horária de 3 horas cada, assim computando no total de 30 horas, nas oficinas, historiadores, ou seja, os moradores mais antigos da comunidade e professor instrutor (a) ficarão incumbidos, de praticar junto aos participantes as danças que estão incluídas no plano, contando seu histórico e o que elas representam para a identidade quilombola a qual

originou o Quilombo de Vila União/Campinas; depois de realizada a parte teórica é que será trabalhada a prática das danças através de ensaios. Assim, os participantes começarão a se familiarizar com os passos e as coreografias que irão compor cada apresentação. A apresentação em si será montada passo-a-passo e somente quando todos os brincantes estiverem executando os passos com facilidade é que será ensaiada a apresentação toda de forma contínua. Vale lembrar que as apresentações serão montadas com roteiro, que deixe claro para os telespectadores, a ideia de início, meio e fim da apresentação.

9.1.4 Apresentações intercomunitárias (meta d)

Para contemplar os objetivos de participar de eventos culturais, temos que executar a meta (d) que se trata das apresentações intercomunitárias, essas apresentações ocorrerão por ocasião de eventos culturais das comunidades quilombolas do município de Salvaterra, bem como nos jogos quilombolas realizados no mês de novembro em comemoração ao dia da consciência negra. O grupo do plano também sairá para realizar apresentações em outras comunidades; esta iniciativa tem a proposta de divulgar nosso trabalho, além de ser uma maneira de criar possibilidade dessas comunidades visitadas venham se apresentar em nossa comunidade. Estes intercâmbios, sem dúvida, fortalecerão cada vez mais nosso movimento quilombola, consolidando com a afirmação de nossa identidade cultural.

9.1.5 Reuniões de avaliação durante a execução do plano

Durante o período de execução do plano serão realizadas três (03) reuniões, com pauta de a) avaliação da execução, b) compartilhamento dos resultados, c) estratégia de divulgação, d) continuidade do Plano. Cada participante vai expressar de forma precisa os resultados obtidos, facilidades e dificuldades enfrentadas nas atividades propostas pelo plano de ação.

Também será elaborado o relatório de atividades, no qual será descrito as ações propostas e executadas, bem como os problemas, desafios enfrentados para a realização de cada meta e as premissas tomadas pelo escopo do plano para solucioná-las. Vale ressaltar que se o plano for contemplado com aporte financeiro de apoiadores, também será elaborado o relatório financeiro a título de prestação de conta das movimentações do plano. O relatório financeiro consiste em uma planilha de Excel, onde serão descritos cada item de despesa do plano, acompanhado de sua nota fiscal-FN contendo todas as informações de origem e legalidade da nota, conforme critérios estabelecidos pela Secretaria da Fazenda- SEFAZ.

11-CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este plano de ação foi uma construção coletiva com a finalidade de fortalecer a identidade cultural da minha comunidade de pertença, a partir da perspectiva do Etnodesenvolvimento de povos e comunidades tradicionais. Este olhar foi possível graças ao curso de Etnodesenvolvimento, que me proporcionou uma visão acadêmica diferenciada para compreender ainda mais meu pertencimento, valorizando tudo aquilo que faz nossa comunidade ser quilombola.

Partindo desse pressuposto, esperamos que o trabalho venha contribuir, mostrando a importância da valorização de nossos conhecimentos e culturas que estão presentes nas comunidades; e que proporcione uma autorreflexão aos comunitários, no sentido de valorizar cada vez mais a cultura no interior de nossas comunidades.

Enquanto egressa do curso de Etnodesenvolvimento, saio com uma visão de mundo: jamais deixarei de exaltar minha pertença enquanto quilombola, pois sem ela não estaria aqui. O curso me tornou mais forte para lutar contra qualquer prática de preconceito e racismo que tentar ferir nossa identidade e autonomia. Quero aqui me direcionar ao quilombo de Vila União/Campinas e dizer que seguiremos firmes, lutando por dias melhores como sempre nosso povo fez. Eu, enquanto interlocutora dessa comunidade, quero dizer que sempre estaremos juntos nas ações que vierem contribuir para o desenvolvimento das nossas comunidades, a partir de nossa realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAPTISTA, M. M.; COELHO-DE-SOUZA, G. MEDIANDO DIFERENTES MUNDOS: UMA REFLEXÃO SOBRE A POSTURA DA SOCIOLOGIA PRAGMÁTICA AO DIALOGAR COM COLETIVOS INDÍGENAS. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 160, 2011. DOI: 10.22456/1982-6524.16147. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/16147>.
- BARROS, Jussara. Dança. Jussara Barros. **Brasil Escola**. 2008. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/artes/danca.htm>
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.
- CORDEIRO, Georgina; REIS, Neila da Silva; HAGE, Salomão Mufarrej. Pedagogia da Alternância e seus Desafios para Assegurar a Formação Humana dos Sujeitos e a Sustentabilidade do Campo. **Em Aberto**, Brasília, v. 24, n. 85, p. 115-125, abr. 2011.
- FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pedagogia da Pesquisa-Ação**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.31, n.3, p. 483-502, set./dez. 2005.
- FURTADO, Marcela Brasil; PEDROSA, Regina Lúcia Sucupira; ALVEZ, Cândida Beatriz. **Cultura, identidade e subjetividade quilombola: uma leitura a partir da psicologia cultural**. São Paulo, ABPS, 2014.
- GARCIA, Jéssica Ribeiro. **I Tempo Comunidade**. Curso de Etnodesenvolvimento, Universidade Federal do Pará, Campus Altamira/Soure, Faculdade de Etnodiversidade, 2016. "Mimeo"
- _____, Jéssica Ribeiro. **IV Tempo Comunidade**. Curso de Etnodesenvolvimento, Universidade Federal do Pará, Campus Altamira/Soure, Faculdade de Etnodiversidade, 2019. "Mimeo".
- GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Sujeito e subjetividade: uma aproximação, histórico-cultural**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
- _____. Perfil, Estatuto e Funções dos Monitores. In: **Pedagogia da Alternância: Alternância e Desenvolvimento**. Primeiro Seminário Internacional. Brasília: União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas-UNEFAB, 1999b.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- LOPES, Rhuan dos Santos; FARIA, Eliane da Silva Sousa. Nos tempos da comunidade: interculturalidade pedagógica nos quilombos de Salvaterra, Marajó (PA). In: OLIVEIRA, Assis da Costa; BELTRÃO, Jane Felipe. **Etnodesenvolvimento & Universidade: formação acadêmica para povos indígenas e comunidades tradicionais**. Belém: Editora Santa Cruz, 2015.
- LEPENIES, Wolf. An outsider full of unprejudiced insight. **New German Critique**, 15: 57-64, 1978.
- VERGUTZ, C. L. B.; CAVALCANTE, L. O. H. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.22, n.2, p.371-390, jul./dez.2014 <http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/index>.

MALUNGU. Coordenação Estadual Associações de Remanescente de Quilombos do Estado Pará. **Nova cartografia social da Amazônia. Quilombolas da ilha de Marajó Pará.** Belém, janeiro de 2006.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders:** Sociologia das Relações de Poder a partir de uma Pequena Comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

NAMORADO, Rui. **Cooperativismo:** Um horizonte possível, centro de estudos sociais, Portugal, 2005.

OLIVEIRA, Assis da Costa; PARENTE, Francilene de Aguiar; DOMINGUES, William César Lopes. Pedagogia da Alternância e (m) Etnodesenvolvimento: Realidade e Desafios. **Educação & Realidade**, v. 42 n. 4, p.1545-1565, dez. 2017.

PERES, Érica de Sousa; AZEVEDO, Ana D'Arc Martins. **A presença negra na Amazônia:** um olhar sobre a vila de Mangueiras em Salvaterra (PA), 2011.

PACHECO, Agenor Sarraf. **Cosmologias afroindígenas na Amazônia marajoara.** Projeto História, São Paulo, n. 44, pp. 197-226, jun. 2012.

TEIXEIRA, Edival Sebastião; BERNARTT, Maria de Lourdes; TRINDADE, Glademir Alves. Estudos sobre Pedagogia da Alternância no Brasil: revisão de literatura e perspectivas para a pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 227-242, maio/ago. 2008.